

Jamais Fomos Desconectados - abrindo a caixa-preta das mobilizações digitais brasileiras.¹

Andre Stangl²

Resumo

Como as aproximações entre a TAR (teoria ator-rede) e o estudo das redes digitais podem reconfigurar a interpretação das novas mobilizações brasileiras. Os movimentos sociais representam uma parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão estabilizadas. A ação coletiva é um espaço privilegiado para observar a conformação das identidades coletivas. Por isso, acredito que as mobilizações sociais podem ser como caixas-pretas recém-abertas. O elemento central dessa controvérsia é a formação de novas coletividades que se chocam com identidades coletivas consolidadas. Os coletivos humanos se diferenciam por sua atuação junto a actantes (coisas e conceitos). Assim, nas mobilizações digitais a característica de diferenciação, desses coletivos, se dá também a partir de sua relação com os meios de comunicação locais (tvs e jornais). Minha pesquisa vai tentar descrever as características das mobilizações organizadas por brasileiros (junho 2013), seguindo os rastros deixados, na cultura digital brasileira, por alguns de seus atores-redes.

Palavras-chave

mobilizações sociais; cartografia das controvérsias; cultura digital brasileira; teoria ator-rede; ativismo digital.

Aproximando campos

Recentemente, o controverso campo da comunicação, pelo menos no Brasil, tem sido desafiado a repensar seu “objeto”, seja pela profusão constante de novos dispositivos de intermediação/mediação, seja por novas práticas comunicacionais, mas principalmente por encontrar na obra de Bruno Latour, novas estratégias e alternativas metodológicas, especialmente a teoria do ator-rede (TAR) e a cartografia de controvérsias, que podem reconfigurar muitas das caixas-pretas³ da área. A

1 Artigo apresentado no Eixo 4 – Política, Inclusão Digital e Ciberativismo do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

2 doutorando Eca/USP, bolsista CNPq, professor da Faap e pesquisador do Centro de Pesquisa Atopos.

3 A metáfora da caixa-preta foi usada por Latour (cf. LATOUR, 2000), no livro *Ciência em ação* (1987), para ilustrar todo conceito (ou actante) estabilizado.

comunicação, enquanto campo, sempre lidou com “objetos” híbridos, como jornais, televisão, cinema, publicidade, internet, etc. Não cabe aqui traçar o mapa dos desafios epistemológicos da área, mas sem dúvida vale apontar alguns dos passos que levam em direção a recepção da obra de Latour no campo da comunicação.

No Brasil se destaca o trabalho precursor de Theophilos Rifiotis, além das pesquisas de Simone Pereira de Sá, Fernanda Bruno, Erick Felinto e Massimo Di Felice. No entanto, André Lemos⁴ tem sido um dos principais autores a apontar tentativas de aproximação e aplicação da teoria ator-rede nos estudos das associações entre humanos e não-humanos como os dispositivos digitais. Em um de seus últimos artigos Lemos buscou mapear a controvérsia envolvendo o uso de etiquetas com RFID (identificação por radiofrequência) em uma escolas em Vitoria da Conquista, na Bahia. Segundo ele,

O projeto, inovador no Brasil, tem como objetivo controlar a entrada e a saída de alunos do Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire (Caic), em Vitória da Conquista (BA). A Prefeitura investiu cerca 1,2 milhão de reais no projeto. Este deve atender 25 escolas e mais de 20 mil alunos da rede municipal da cidade ainda em 2012. O objetivo é que, em 2013, todos os 43 mil estudantes da rede pública da cidade, entre 4 e 14 anos, já possuam uniformes com a tecnologia RFID. O projeto suscitou diversas controvérsias entre pedagogos, psicólogos, jornalista, intelectuais, pais e alunos. Esse caso de aplicação de IoT (Internet das coisas) é interessante para mostrar como as controvérsias expressam o magma social, isto é, o social antes de estabilizações e caixas-pretas. Para a TAR, é importante aproveitar esse momento. O objetivo da TAR é justamente "descriptor" (descrever mesmo!) e revelar as redes que compõem o social. (LEMOS, 2013, p.14)

No artigo Lemos defende a articulação entre a TAR e as pesquisas sobre a Internet das Coisas (IoT), “*uma infraestrutura de rede global dinâmica, baseada em protocolos de comunicação em que “coisas” físicas e virtuais têm identidades, atributos físicos e personalidades virtuais, utilizando interfaces inteligentes e integradas às redes telemáticas*” (ibid, p1). O próprio Latour em um artigo, apresentado em um evento⁵ organizado pelo sociólogo Manuel Castells, afirmou que as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de rastrear as redes de associações, a enormidade de

4 Professor associado da Faculdade de Comunicação da UFBA. <<http://andrelemos.info>>

5 III International Seminar On Network Theory: Network Multidimensionality In The Digital Age - <http://ascnetworksnetwork.org/ann-conference/2010-conference>

dados que apenas um ator pode gerar usando plataformas interativas, as “redes sociais”, cria as condições ideais para uma “hiper-microsociologia”, como quis Gabriel Tarde.

The true digital revolution in social theory is to open a way whereby it is possible to study the individuals and their aggregates without relying at any point on two levels, without accepting any discontinuity where the individual action disappears mysteriously into a sui generis structure. (LATOUR, 2011, p13-4)⁶

Em uma entrevista cedida a Lemos, na ocasião de sua participação em um evento realizado no Brasil sobre “A vida secreta dos objetos”⁷, Latour confirma sua esperança no papel decisivo que as tecnologias digitais podem ter na organização das controvérsias. Segundo ele,

Le but de la cartographie de controverses est de savoir comment équiper, avec quel instrument équiper ceux qui sont dans le parlement virtuel. Ce n’est pas parce qu’il est virtuel qu’il n’existe pas! Les cartographies de controverses montrent que ces parlements virtuels peuvent être assemblés par les blogs, par la presse, par la littérature scientifique, etc. Et c’est là où on peut développer le consortium des controverses. Pour la démocratie c’est extrêmement important. (LEMOS e HOLANDA, 2012, p825)⁸

Parlamento virtual nas ruas

São justamente as implicações políticas, ou cosmopolíticas, desse “parlamento virtual” que tento investigar em minha pesquisa de doutorado. As tecnologias digitais parecem exercer um papel fundamental como facilitador de mobilizações como tem ocorrido na primavera árabe, o movimento #15m na Espanha, o “occupy wall street” nos EUA e mais recentemente, as manifestações brasileiras em Junho de 2013.

Muitas são as formas de tentar explicar as origens das últimas manifestações brasileiras, a mais recorrente está associada às estratégias do coletivo Movimento Passe Livre (MPL), o grupo que motivou as primeiras mobilizações em 6, 7 e 11 de junho nas

6 *A revolução digital verdadeiro na teoria social é abrir um caminho pelo qual é possível estudar os indivíduos e seus agregados, sem depender de qualquer ponto em dois níveis, sem aceitar qualquer descontinuidade onde a ação individual desaparece misteriosamente em uma estrutura sui generis.*

7 <http://avidasecretadosobjetos.wordpress.com/>

8 *O objetivo do mapeamento de controvérsia é a forma como se encaixam com o instrumento equipar os do parlamento virtual. Isto não é porque é virtual que não existe! Os mapas mostram que os parlamentos virtuais controversas podem ser montados pelos blogs, pela imprensa, pela literatura científica, etc. E este é o lugar onde nós podemos desenvolver a controvérsia consórcio. Para que a democracia é extremamente importante.*

ruas de São Paulo. A principal justificativa para a mobilização, nesse momento, era a rejeição ao aumento da tarifa do transporte municipal. Até aqui as ferramentas conceituais da sociologia, mais especificamente os estudos dos novos movimentos sociais (cf. GOHN, 2008; ALONSO, 2009), serviam para conduzir uma narrativa explicativa que contemplava os horizontes possíveis dessa ação, enquanto fenômeno social estabilizado. Mas o que ocorre em seguida, depois da violenta repressão policial a última dessas mobilizações, até agora tem desafiado as categorias explicativas das teorias sociais.

Breve etnografia do inexplicável

No dia 17 de junho uma multidão, convocada e mobilizada de diversas formas e por diversos coletivos, se reuniu na região do antigo Largo da Batata em São Paulo. Pude testemunhar esse momento, onde fervilhava a sensação de estar “escrevendo uma página da história”. Para muitos pesquisadores, é preciosa a oportunidade de experimentar seu “objeto” em campo, sem mediações. A princípio, foi com esse espírito que desci às ruas e me misturei a multidão. Tomando, apenas um único cuidado metodológico, não levei comigo nenhum dispositivo digital que me permitisse conexão ou registro, essa foi minha “doença”. É desnecessário dizer que nesses contextos, de ebulição e entusiasmo generalizado, somos todos “contaminados”, pesquisadores ou não, por um misto de medo e esperança. Era assim a expectativa, temerosa dos conflitos violentos dos dias anteriores, sendo esse o foco principal de espectadores e jornais. Nas ruas do entorno, o comércio fechou suas portas com receio de saques e depredações, nas ruas escuras e já sem trânsito ordas de jovens caminhavam como se fossem participar de um show de rock. Até alguns funcionários das lojas, liberados por seus patrões, também foram “contagiados”. Enquanto isso no epicentro da aglomeração, onde antes se concentravam repórteres e câmeras em busca do melhor ângulo, o largo ficava estreito. Alguns chegam a dizer que foi uma das maiores mobilizações da história.

Na posição privilegiada de observador e participante, em um mar de celulares e câmeras, tentei não focar meu olhar, passeava e mudava de posição, tentando ver o que via. O primeiro momento da mobilização foi de concentração, pessoas vinham de todas as direções e aguardavam mais pessoas, bandeiras de partidos e outros coletivos

organizados eram rechaçadas, um pastor enlouquecido pregava em meio a turba, jovens paqueravam e algumas palavras de ordem como mantras eram repetidas, enquanto um pequeno grupo de polícias militares olhavam com espanto a massa crescer. O segundo momento, mais marcante, foi quando os grupos começaram a se deslocar, como se não houvesse rumo, apenas um fluxo, como o de um rio e aos poucos a aglomeração foi virando passeata. Nesse momento cartazes e cantos ganharam vida e a cidade virou um palco. A proliferação de discursos lembrava uma *timeline*, nas bordas do rio, gente e mais gente, entre discursos e espanto – uma criança segurava um cartaz, olhar assutado e contente, enquanto dezenas de câmeras e flashes iluminavam sua face.

Cartografia das mídias

São diversas as possibilidades de se relatar uma experiência como a que acabei de tentar descrever, mas como deixar transparecer os atores humanos e não-humanos, sem se deixar a descrição virar explicação, estabilizada em uma confortável altitude macro-social? A perspectiva de meu relato me ultrapassa, limitado por meu corpo, não enxergo mais do que vejo. Vai ser no contato com outros relatos e explicações que o horizonte do fenômeno irá ampliar sua escala, mas só a particularidade do que vi, poderá impedir sua estabilização. Segundo Latour essa incerteza é fundamental, se quisermos uma imagem mais próxima do dinamismo das relações que pretendemos estudar. (cf, LATOUR, 2012)

Quando olhamos um jornal, temos uma sensação de atualização e estabilização, - eis o mundo agora, ele continua e está assim. “*É como uma chuva, uma inundação, uma epidemia, uma peste*”, confessa Latour (2012, p49). Muitas são as controvérsias sobre a capacidade de manipulação dos jornais e diversas são as teorias da comunicação sobre esse tema (cf. MATTELART, 2011), mas não é esse o foco do artigo. A questão é pensar o jornal enquanto ator no complexo campo de relações que compõem hoje o mosaico informativo que podemos usar para nos ligar à “realidade”. Em outro artigo Lemos e Holanda, analisam as possibilidades de aplicação da TAR no estudo dos jornais, partindo:

do caráter análogo que o trabalho de “dar ciência dos fatos” assume nos campos jornalístico e científico. O objetivo é mostrar como a proposta teórica e metodológica da TAR pode dar valiosas contribuições para a pesquisa em comunicação. Apresentamos sete contribuições da TAR para essa área: evitar a purificação dos fatos oferecer um método capaz de ultrapassar delimitações entre natureza, sociedade e discurso; reposicionar o entendimento sobre a mediação; apresentar o discurso midiático como rede de proposições; destacar a necessidade de não se abandonar o empírico em favor de estruturas; mostrar que o papel do analista é mapear redes mobilizadas em determinada ação; e, finalmente, flagrar a constituição interna das caixas-pretas. Concluímos afirmando que a TAR pode ajudar a superar disputas improdutivas e propor novas leituras dos fenômenos sem alimentar fantasias de purificação ou de hegemonia no campo. (LEMOS e HOLANDA, 2013, p1-2)

O próprio Latour chega a propor a reinvenção do jornalismo, aliando este ao “parlamento virtual”.

If it is true, as many historians have shown, that there is a direct link between the invention of the newspaper and the possibility for citizens to articulate political opinions, and if it is true that the old newspaper appears retrospectively as a platform connecting heterogeneous data, then it is extremely urgent to reinvent a platform no longer on paper but in the newly rematerialized world of digital datascapes. (LATOURE, 2011, p15)⁹

Cosmo-Ecologia cognitiva

E em seu último projeto *l'enquête sur les modes d'existence*, Latour propôs a criação de uma plataforma digital colaborativa¹⁰, que irá complementar a investigação do livro. O “parlamento virtual” de Latour dialogando com a “inteligência coletiva” de

9 *Se é verdade, como muitos historiadores têm mostrado que há uma ligação direta entre a invenção do jornal e a possibilidade de os cidadãos de articular opiniões políticas, e se é verdade que o velho jornal aparece retrospectivamente como uma plataforma de conexão de dados heterogêneos, então é extremamente urgente reinventar a plataforma não mais no papel, mas no mundo recém-rematerializados de datascapes digitais.*

10 <http://www.modesofexistence.org/>

Pierre Lévy? Os dois, por sinal, estudaram com Michel Serres, nos agradecimentos do livro *As tecnologias da Inteligência* (1990) Latour e Stengers são citados textualmente:

As discussões que prosseguiram no colóquio de Treilles entre os autores de *Elements d’histoire des sciences* (sob a direção de Michel Serres) levaram-me a revisar minha concepção da técnica. Os silêncios eloqüentes, e depois o estímulo de Bruno Latour talvez tenha desempenhado, neste aspecto, um papel determinante. Agradeço particularmente a Isabelle Stengers, que incansavelmente respondeu, através de críticas construtivas, amigáveis e detalhadas, aos textos com os quais eu abarrotei sua caixa de correspondência. (LÉVY, 1990, p.122)

Nesse livro Lévy também defende “*um retomo à grande tradição antiga do cosmopolitismo não somente por razões de simples humanidade, mas também em vista de uma plena integração das dimensões técnicas e ecológicas na reflexão e ação políticas*” (Ibid, p6). Para Lévy, *os coletivos cosmopolitas compostos de indivíduos, instituições e técnicas não são somente meios ou ambientes para o pensamento, mas sim seus verdadeiros sujeitos.*(Ibid., p11). Ainda segundo Lévy a “ecologia cognitiva”, representa “*elementos heterogêneos (que) articulam-se para formar coletividades pensantes homens-coisas, transgredindo as fronteiras tradicionais das espécies e reinos. (...) o programa da ecologia cognitiva (...) se propõe a estudar estas coletividades cosmopolitas* (Ibid., p82). Mas apesar dessa proximidade inicial, não podemos afirmar que o diálogo entre os autores teve alguma continuidade.

Um software é uma coisa? Um actante? Atualmente em nossa ecologia cognitiva as “redes digitais” são cada vez mais presente e competem com jornais e outras grandes mídias, na composição de nossa atenção. Dependendo das escolhas do usuário, em plataformas como Facebook e Twitter, essa ecologia cognitiva pode variar muito. Nesse sentido, a quantidade de controvérsias e versões sobre um mesmo fato é bem diferente do ambiente informativo pré-redes digitais. É razoavelmente estável, a explicação que compreende os grandes meios de comunicação como agenciadores de massas, sendo sua principal função manter adormecido o “gigante”. Mas nunca fica muito claro, quem é esse “gigante” e quem são os que estão “fora” dessa ecologia cognitiva, zelando por seu sono.

A caixa-preta digital

Mas se ao invés de pre-estabelecer um papel de agenciamento político, pensarmos o jornal, como um ator complexo, que hora faz o “gigante” dormir, hora o faz acordar, mas todas às vezes que tenta indicar um rumo, faz o “gigante” dar voltas sobre si mesmo? Muitos são os “gigantes” e muitos são os rumos (nem mesmo a coluna do horóscopo acerta sempre). Pensando assim, parece mais interessante descrever as relações entre “redes digitais” e grandes mídias mais como um conjunto de relações convergentes (cf. JENKINS, 2009), do que uma revolução, algo levaria a crer nas etapas civilizacionais do evolucionismo.

Como deixa transparecer, Latour, em sua modéstia: *Je ne crois pas que le numérique soit une révolution, mais ça je laisse aux gens qui connaissent beaucoup mieux que moi.* (LEMOS, 2012, p824)¹¹. Tem sido bastante sedutora, a caixa-preta que identifica em nossa relação com os actantes digitais (internet, redes, dispositivos, etc), o nascimento de uma nova cultura. A obra de Latour nos faz pôr entre parênteses esse upgrade, tentando identificar as possíveis continuidades, onde antes só se via ruptura. *“As técnicas não são novas, e nem modernas no sentido mais banal da palavra, mas sim coisas que desde sempre fazem parte de nosso mundo. Mais que qualquer outra, nossa geração as digeriu, integrou, ou mesmo humanizou”.* (LATOURE, 1994, p125).

Parênteses McLuhan

Marshall McLuhan é um dos autores fundamentais do campo da comunicação, mas em geral é pouco lido, sobre ele se fechou uma caixa-preta, como se suas “explorações¹²” já estivessem estabilizadas. Pode ser interessante, abrir um parênteses para apontar algumas aproximações entre Latour e McLuhan. Suas metáforas e controvérsias ampliam a instabilidade sobre aquilo que entendemos como sendo as novas mídias. A metáfora da “aldeia” não é fortuita em sua obra, assim como, seu interesse por outras perspectivas conceituais, em busca de uma visão que superasse as

11 *Eu não acho que digital é uma revolução, mas deixo isso para as pessoas que conhecem melhor do que eu.*

12 “Eu não explico - eu exploro” (cf. MCLUHAN, 1969)

limitações da linearidade ecologia cognitiva desenvolvida na modernidade, a partir da leitura.

Muitas das metáforas de McLuhan foram criadas a partir do fecundo debate, sobre os aspectos culturais da comunicação, com o antropólogo Edmund Carpenter. Foi ele que lhe apresentou o mundo acústico dos esquimós e lhe ajudou a exercitar um certo tipo de simetria, superando um ponto de vista, a princípio, etnocêntrico. McLuhan passeiam entre literatura, filosofia, narrativas históricas e antropológicas, compondo um mosaico que tenta descrever nossa relação com os mais diversos objetos técnicos. Segundo Graham Harman (cf. HARMAN, 2010), uma proximidade entre Latour e McLuhan é o interesse dos dois por qualquer tipo de objeto técnico, por mais banal e trivial que seja, partindo destes, eles tecem suas teorias e cartografias, como no caso da polia para Latour (cf. 1994, p.108) e o estribo para McLuhan (cf. 2001, p.205).

Para McLuhan, provavelmente, não seria surpresa descobrir que *jamais fomos modernos*. Segundo ele, os novos meios de comunicação recuperam a ecologia cognitiva da vida tribal, onde todas informações são simultâneas - sons de aves e feras, o barulho das folhas, o vento, o zumbido de uma flecha. Segundo ele, o desenvolvimento da escrita e do alfabeto geram uma forma compartimentada de ver o mundo, com pontos fixos, certezas, verdades e leis. McLuhan identificar a ecologia cognitiva de hoje como sendo semelhante à ecologia cognitiva mítica dos pré-modernos, como se nunca tivéssemos deixado de ser pré-modernos.

Nenhum dos dois está preocupado em superar a metafísica, pelo contrário, discretamente até professam a esperança em uma fraternidade de inspiração católica. Aqui não é o espaço para tentar desenhar todos os pontos de proximidade e distância entre autores tão profícuos. O que me interessa investigar é até que ponto, enquanto não-modernos, é uma ecologia cognitiva mítica/digital que motiva essas últimas manifestações, mais do que pressupostos ideológicos ou econômicos.

A caixa-preta das manifestações

Segundo o sociólogo Alberto Melucci, a maioria dos estudos sobre a ação coletiva partem de uma suposição "objetivista" a respeito de suas categorias e raramente parece consciente da virada epistemológica introduzida pela hermenêutica e pela revolução cognitiva. Aparentemente ignorando que os objetos de conhecimento são construído pelo analista, eles não coincidem com a complexidade empírica da realidade (MELUCCI, 1996, p21). Para Melucci, o pesquisador precisa estar

“consciente desta contradição que implica utilizar uma linguagem moderna para abordar problemas que não são da mesma natureza. (...) O que é empiricamente chamado 'um movimento' e que, por uma questão de conveniência de observação e linguística tem sido atribuída uma unidade essencial, é na verdade um produto de múltiplas e heterogêneas processos sociais. (...) Nós utilizamos as palavras "revolução" e "movimentos" que estão inteiramente ligadas aos conceitos da mecânica. E como poderíamos entender um mundo no qual a física quântica mudou completamente o nosso entendimento da realidade material? (Ibid, 1994, p158).

Por isso em suas tentativas explicativas, Melucci reconhece a contingência de suas opções, “a identidade coletiva é um conceito, uma ferramenta analítica e não um dado ou uma essência, uma 'coisa' com uma existência 'real'.” (Ibid, 1996:77). Segundo ele, sua perspectiva baseia-se em um ponto de vista fenomenológico que entende os fenômenos coletivos como conjuntos de eventos sociais agregando indivíduos ou grupos que apresentam, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, comportamentos relativamente semelhantes (Ibid, p. 20). Para Melucci, os movimentos sociais representam uma parte da realidade social onde as relações sociais ainda não estão estabilizadas em estruturas sociais, por isso a ação coletiva é um espaço privilegiado para observar as associações, as mobilizações podem ser caixas-pretas recém abertas e o elemento central de sua controvérsia é a formação de uma identidade coletiva.

A controvérsia identitária/cultural

Perguntado sobre o papel do Brasil na controvérsia da sobrevivência de Gaia/terra, Latour disse que *Le Brésil et l'Inde ont des divinités. C'est quand-même très important. Ces choses ne peuvent venir que des peuples qui ont des divinités, parce que sans elles c'est une re-naturalisation, l'écologie.* (LEMOS e HOLANDA, 2012,

p826)¹³. Em outra entrevista afirmou que *os brasileiros são interessantes porque (...) jamais acreditaram, (...) nessa história de purificação. Eles (os brasileiros) possuem uma visão que difere daquela do modernismo dos franceses.* (SZTUTMAN, R. ; LATOUR, B. ; MARRAS, S. 2005, p403). Já na entrevista para a Revista Cult, disse que os brasileiros nunca foram modernos, mas de uma certa forma, sempre foram pós-modernos. Sobre a tradição iconoclástica no Brasil comenta:

No Brasil, não se imagina de imediato que os ídolos estão lá para serem destruídos. Há uma grande compatibilidade de cultos. Veja, por exemplo, a história das religiões. Ela é interessante. O que chamamos de sincretismo, de amálgama, tudo isso teve um início: foi a maneira como foi vista a história europeia no Brasil. Mas tudo isso se passou de forma diferente. O iconoclasmo emerge na tradição antropofágica, por exemplo. E o iconoclasmo é importante para os euro-americanos, pois enquanto não fizermos o luto desse iconoclasmo, não compreenderemos nada do que é a noção de construtivismo, não respeitaremos jamais as mediações, e portanto cairemos no fundamentalismo. (...) O respeito pelos meios, pelas mediações, é algo que os brasileiros sabem fazer muito melhor do que os franceses. Nós, euro-americanos, esvaziamos inteiramente os meios para se buscar a verdade. (LATOUR e FIORINI, 2009).

É interessante ler a reunião desses trechos, onde Latour explicita a controvérsia da “identidade cultural” brasileira, mesmo sabendo que não existem culturas:

a própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas - diferentes ou universais - nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações. (LATOUR, 1994, p102)

Para Latour, os coletivos se diferenciam pela atuação atribuída aos actantes, não por serem realistas, racionais, reais, e os outros simbólicos, imaginários ou míticos. (cf. LATOUR, 2013). Assim para entender as possíveis distinções das mobilizações organizadas por brasileiros, os rastros deixados nas “redes digitais” serão uma importante fonte de controvérsias.

Perspectivismo digital?

Uma hipótese a ser investigada: A ecologia cognitiva de nossas interações digitais pode ter a potencialidade de nos aproximar da uma nova experiência

13 *Brasil e Índia têm divindades. É muito importante mesmo. Essas coisas só pode vir de pessoas que têm divindades, porque sem eles é uma ecologia re-naturalização.*

perspectivista (cf. CASTRO e SZTUTMAN, 2008), na rede compartilhamos uma natureza-cultura, por outro lado, podemos dizer que quando mediados pelos objetos técnicos experimentamos outra natureza-cultura?

A ecologia cognitiva operada pelas mídia centralizadas instaura uma poderosa sincronização temporal, ler o jornal do dia, assistir ao telejornal, ou a novela, no mesmo horário e ao mesmo tempo. Com as tecnologias digitais ocorre uma intensificação dessa sincronização, mas paradoxalmente também podemos não-sincronizar e multiplicar nossas temporalidades e identidades. Sem dúvida, um elemento importante das manifestações nas ruas foi a possibilidade de se sincronizar espacialmente, uma espécie de conexão trans-corporal (cf. KRØIJER, 2010), onde os coletivos re-inventam uma noção compartilhada do presente (cf. MELUCCI, 1996) e portanto, de identificação. Ou seja nas ruas nos reconectamos? Ou jamais fomos desconectados?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. Teorias dos movimentos sociais: balanço do debate. Lua Nova, 2009, no. 75. 2009.

CASTRO, E. V. (Org.) ; SZTUTMAN, R. (Org.) . Eduardo Viveiros de Castro - Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e contemporâneos. São Paulo: Ed. Loyola, 7ªed., 2008.

HARMAN, Graham. Graham Harman and Figure/Ground Communication. interviewed by Laureano Ralón on July 12th, 2010. - <http://figureground.ca/interviews/graham-harman/> (Acesso em 20/06/2013)

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

KRØIJER, Stine. Figurations of the Future: On the Form and Temporality of Protests among Left Radical Activists in Europe. Social Analysis, Volume 54, Number 3, Winter 2010 , pp. 139-152(14)

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. Modos de existência (livreto). 2013

LATOUR, B. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LATOUR, B. Networks, Societies, Spheres – Reflections of an Actor-Network Theorist – Keynote Lecture, Annenberg School of Design, Seminar on Network Theories, February 2010, published in the International Journal of Communication special issue edited by Manuel Castells Vol 5, 2011, pp. 796-810.

LATOUR, Bruno e FIORINI, Marcelo. Entrevista. Revista CULT, nº132 - fevereiro/2009. pp.14/20

LEMOS, André (2013). A comunicação das coisas. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de radiofrequência em uniformes escolares na Bahia., in Pessoa, Fernando (org.). Cyber Arte Cultura. A trama das Redes. Seminários Internacionais Museu Vale, ES Museu Vale, Rio de Janeiro, 2013. 245p. ISBN 978-85-99367-07-0, pp. 18-47.

LEMOS, A. e HOLANDA, A., C est un truc complètement Brésilien, l acteur-réseau . Entretien avec Bruno Latour. Contemporanea (UFBA. Online), v. 10, p. 817-830, 2012.

LEMOS, A. e HOLANDA, A., Do Paradigma ao Cosmograma: Sete Contribuições da Teoria Ator-Rede para a Pesquisa em Comunicação., texto apresentado no GT Epistemologias da Comunicação., in Anais da COMPÓS, Salvador, 2013

LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência (1990) - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

LÉVY, Pierre. A Internet e a Crise do Sentido. In: PELLANDA, Nize Maria Campos e PELLANDA, Eduardo Campos. Ciberespaço: Um Hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MATTELART, Armand e Michèle. História das teorias da comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem (1964). São Paulo: Cultrix, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Entrevista. Playboy Magazine, março, 1969.

MELUCCI, Alberto. Challenging Codes. Collective Action in the Information Age, Cambridge University Press, Cambridge, New York, 1996.

MELUCCI, Alberto. "Movimentos sociais, inovação cultural e o papel do conhecimento. Uma entrevista de Leonardo Avritzer e Timo Lyra", In: Avritzer, Leonardo (ed.), Sociedade Civil e Democratização, Livraria del Rey Editora, Belo Horizonte, pp. 185-211 , 1994.

SZTUTMAN, R. ; LATOUR, B. ; MARRAS, S. . "Por uma antropologia do centro: entrevista com Bruno Latour por Renato Sztutman e Stelio Marras". Rio de Janeiro: Revista Mana: estudos de antropologia social. Contra Capa, 2005